

Observações fonéticas e fonológicas sobre as vogais na língua Wakalitesu¹

Áurea Cavalcante Santana²

Vanessa Sawana Yalikawaindalossu Nambikwara³

Natanael Sawentesu Nambikuara⁴

RESUMO

Neste artigo, apresentamos observações preliminares sobre aspectos fonéticos e fonológicos das vogais na língua Wakalitesu, como resultado de estudos linguísticos e atividades de formação de professores, realizados na comunidade Três Jacus, localizada na Terra Indígena Tirecatinga, no município de Sapezal-MT. Os Wakalitesu pertencem à família Nambikwara do ramo Sul. Para Price (1983), os grupos da família Nambikwara, apesar de compartilharem traços culturais, apresentam diferenciações linguísticas bastante significativas. Rodrigues (2002) e Telles (2014) afirmam que há, entre os grupos da família Nambikwara, critérios de inteligibilidade entre as línguas. Assim, além das observações fonéticas e fonológicas, fizemos algumas comparações com os estudos de línguas da família Nambikwara, em especial os de Kroeker (2003) e Souza Netto (2018), ressaltando similaridades e diferenças entre elas. As observações propostas foram baseadas nas perspectivas teóricas e metodológicas de Pike (1976), Kindell (1981), Cagliari (2002), Callou e Leite (2003) e Kibrik (1977).

PALAVRAS-CHAVE: Fonética. Fonologia. Língua Wakalitesu. Nambikwara.

Phonetic and phonological observations on vowels in the Wakalitesu language

ABSTRACT

In this paper, we present preliminary observations on phonetic and phonological aspects of vowels in the Wakalitesu language, as result of linguistic studies and teacher training activities, carried out in the Três Jacus community, located in the Indigenous Land Tirecatinga, in the municipality of Sapezal-MT. The Wakalitesu belong to the Southern branch of the Nambikwaran family. According to Price (1983), the groups of the Nambikwaran family, despite sharing cultural traits, present significant linguistic differences. Rodrigues (2002) and Telles (2014) state that there are criteria of intelligibility between languages, among groups of the Nambikwara family. Thus, in addition to phonetic and phonological observations, we made some comparisons with language studies of the Nambikwaran family, especially those of Kroeker (2003) and Souza Netto (2018), highlighting similarities and differences between them. The proposed observations were based on the theoretical and methodological perspectives of Pike (1976), Kindell (1981), Cagliari (2002), Callou and Leite (2003) and Kibrik (1977).

KEYWORDS: Phonetics. Phonology. Wakalitesu Language. Nambikwara.

¹ Trabalho apresentado em forma de Comunicação Oral na ABRALIN 50 – maio de 2019.

² Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, Brasil E-mail: aurearsh@yahoo.com.br.

³ Escola Indígena Wakalitesu, TI Tirecatinga - Sapezal, MT, Brasil. E-mail: vanessasawana@gmail.com.

⁴ Escola Indígena Wakalitesu, TI Tirecatinga - Sapezal, MT, Brasil. E-mail: natanaelsawentesu@gmail.com.

Introdução

As atividades de pesquisa em que resultaram estas observações foram desenvolvidas na comunidade Três Jacus, município de Sapezal – MT, como parte do Projeto *Estudos de Línguas Nambikwara: múltiplas convivências na aldeia Três Jacus – Sapezal MT*, coordenado pelo Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas - GEDDELI, ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL/UFMT. Esse projeto tem como objetivo integrar as pesquisas do Programa de Pós-Graduação com a formação em linguística para os professores e demais pessoas da comunidade. Assim, ambos, pesquisa e formação estão voltadas para a documentação, registro, ações de fortalecimento e vitalização das línguas indígenas.

Desse modo, apresentamos, neste artigo, alguns resultados preliminares envolvendo o estudo das vogais com vistas à definição de uma ortografia para a língua Wakalitesu⁵ e, ainda, algumas comparações com outras línguas Nambikwara do ramo sul a partir de descrições de Kroeker (2003) e Souza Netto (2018). Os resultados, aqui relatados, foram desenvolvidos juntamente com os professores indígenas Vanessa Sawana e Natanael Sawentesu, durante os Seminários de Estudos Linguísticos, realizados na aldeia Três Jacus, em dezembro de 2017, março de 2018 e abril de 2019. Esses tiveram, como objetivo principal, a definição de uma ortografia para utilização na sala de aula.

Para as observações propostas, refletimos sob as perspectivas teóricas e metodológicas de Pike (1976), Kindell (1981), Cagliari (2002), Callou e Leite (2003) e Kibrik (1977). Quanto aos estudos comparativos, pautamo-nos em estudos sobre línguas Nambikwara em Telles (2014), Kroeker (2003) e Souza Netto (2018). Nas transcrições e apresentação dos dados, utilizamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 1995).

1. As línguas Nambikwara

Para Price (1983), mesmo sendo considerado um povo único⁶ e compartilharem traços culturais, todos os grupos da família Nambikwara apresentam, em suas línguas, diferenciações que são bastante significativas.

⁵ Apesar de algumas línguas dos Nambikwara do Sul já terem uma ortografia em uso, os professores Wakalitesu têm muitas dificuldades em utilizá-la, bem como ensiná-la, por serem línguas consideradas tonais, esta ortografia traz números marcando a tonalidade, como em ka³to¹su² (macaco), por exemplo.

⁶ Costa (2002) declara que o etnônimo “Nambikwara” é de origem Tupi e significa “orelha furada”. É usado para denominar cerca de 21 povos (grupos) que têm em comum traços culturais e linguísticos e ocupam, como regiões tradicionais, o noroeste do estado de Mato Grosso e sudeste de Rondônia.

Partindo dos estudos de Aryon Rodrigues (2002), pode-se dizer que as línguas da família Nambikwara são consideradas isoladas, por não terem, até o momento, parentesco genético com nenhuma outra língua estudada. Ainda segundo Rodrigues (2002), considerando as similaridades linguísticas e as regiões territoriais em que vivem os diversos grupos da Família Nambikwara, estes compreendem três ramos linguísticos: Sabanê, Nambikwara do Norte e Nambikwara do Sul.

Telles (2014) e Souza Netto (2018) acrescentam que os ramos Nambikwara do Norte, Nambikwara do Sul são compostos por várias línguas e o ramo Sabanê é formado por uma única língua. Para essa subdivisão, os autores partem do critério de inteligibilidade entre essas línguas (RODRIGUES, 2002; TELLES, 2014; SOUZA NETTO, 2018).

De acordo com a apresentação de Souza Netto (2018), baseado em Telles (2002) e Eberhard (2009), as línguas Nambikwara estão divididas da seguinte forma:

Tabela 1 – A Família Linguística Nambikwara

Sabanê	Nambikwara do Norte		Nambikwara do Sul	
	Grupos do Roosevelt	Grupos do Guaporé	Grupos do Cerrado	Grupos do Vale
Sabanê	Lakondê Latundê Sowaintê Tawandê	Mamaíndê Negarotê Tawendê	Hukuntesu Nensu Niyahlosu Siwaisu Halotesu Kithãulhu Sawentesu Wakalitesu	Alãntesu Manairisu (Hahãntesu) Waikisu Wasúsu Saráré (Nutajensu)

Fonte: Adaptado de Souza Netto (2018).

Souza Netto (2018) declara que, para elaboração deste rearranjo linguístico para os grupos Nambikwara (Roosevelt, Guaporé, Cerrado e Vale), lançou mão dos critérios de distribuição e aproximação geográfica dos diferentes grupos nos biomas do Cerrado e da Floresta Amazônica; do nível de inteligibilidade relatado por outros pesquisadores e ainda de informações extraídas de entrevistas em suas pesquisas de campo.

1.1 A aldeia Três Jacus e a língua Wakalitesu

A aldeia Três Jacus, localizada na TI Tirecatina, no município de Sapezal, MT, tem cerca de 90 habitantes e, a despeito de os moradores serem majoritariamente Wakalitesu,

vivenciam, na atualidade, múltiplos contextos linguísticos e identitários, dada à convivência, dentro desta comunidade, de diversos grupos étnicos tanto da família Nambikwara, como os Halotesu, Mamaindê e Negarotê, quanto de outros grupos indígenas não aparentados linguisticamente, como Manoki (língua isolada) e Paresi (língua da família Aruak). Os professores da aldeia Três Jacus mencionam que a língua Wakalitesu tem bastante similaridade com a língua Halotesu e menos similaridades com as línguas Mamaindê e Negarotê, reforçam que “são tudo Nambikwara”, mas são línguas diferentes.

Mesmo com essa configuração étnica e linguística plural, a maioria dos moradores da comunidade faz questão de se autoafirmar como Wakalitesu. Esta necessidade dos moradores da aldeia Três Jacus se autoafirmarem como povo distinto, como “Wakalitesu”⁷ pode ser compreendida pelo fato de a comunidade e suas respectivas lideranças serem Wakalitesu e também pelo fato de que são o único grupo do povo Nambikwara a viver na Terra Indígena Tircatinga. Com isso, percebe-se que esta postura coaduna com o intento de demarcar território, de reforçar a autonomia política e cultural, reivindicando, inclusive, uma ortografia própria para a escrita da língua Wakalitesu. Também promove o desejo de fortalecer a língua indígena, almejando uma utilização mais ampla na comunidade e na escola (OLIVEIRA, 2018).

A língua Wakalitesu pertence ao ramo Nambikwara do Sul e a situação sociolinguística, vivenciada, na atualidade, pelos habitantes da aldeia Três Jacus, é bastante preocupante. Apesar de o povo manter muitos costumes tradicionais, a transmissão da língua étnica e a interação na língua materna dentro da comunidade estão restritas a algumas poucas famílias. Em estudo sociolinguístico realizado naquela comunidade, Oliveira (2018) declara que no dia a dia da aldeia o português está cada vez mais presente na interação dos jovens e adultos de meia idade.

Apesar de se ter encontrado diversos trabalhos, pesquisas e publicações sobre línguas da família Nambikwara, até o ano de 2019 não foram encontrados estudos linguísticos descritivos da língua Wakalitesu na aldeia Três Jacus. Kroeker (2003) cita que teve, para os seus estudos, a contribuição de um informante Wakalitesu em sua coleta de dados. Já Souza Netto (2018, p. 16) declara que os seus estudos foram realizados com os “Nambikwara do Cerrado” e que “entrevistou indígenas dos grupos Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú”.

Diante do contexto apresentado, o que mostramos neste trabalho é o resultado de uma construção coletiva, que foi feita com muita dedicação e esforço dos professores indígenas que

⁷ Os indígenas mais velhos mencionam - cheios de orgulho - que os Wakalitesu foi o primeiro grupo Nambikwara a ser contatado por Marechal Rondon, no início do séc. XX.

querem aprender linguística para estudar sua língua materna e, por extensão, tornarem-se melhores professores.

2. Observações sobre as vogais

Nos aspectos fonéticos, tratamos dos sons perceptíveis, identificados e transcritos a partir dos itens lexicais coletados. Dessas observações, identificamos a língua Wakalitesu 20 segmentos fonéticos vocálicos: [i, ɨ, ɪ, ɩ, e, ɛ, ɐ, ẽ, ẽ̃, a, ɶ, ã, ã̃, o, ɔ, ɔ̃, u, ʊ, ũ, ũ̃] conforme demonstrado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Segmentos Fonéticos Vocálicos

	anterior				central				posterior			
	modal		laringal ⁸		modal		laringal		modal		laringal	
	oral	nasal	laringal	laring nasal	oral	nasal	laringal.	laring nasal	oral	nasal	laringal	laring .nasal
alta	i	ĩ	ɨ	ɩ̃					u	ũ	ʊ	ũ̃
média alta	e	ẽ	ɛ	ẽ̃					o	õ	ɔ	
média baixa	ɛ											
baixa					a	ã	ɶ	ã̃				

Fonte: Próprios autores.

2.1 Segmentos vocálicos em contrastes

Na língua Wakalitesu foram identificados 18 (dezoito) fonemas vocálicos, os quais são apresentados em pares, contrastando em ambientes idênticos ou análogos. Optamos, neste trabalho, por não marcar nas transcrições fonéticas as sílabas tônicas, pois o assunto “sílabas tônicas” e “tom na língua” ainda são confusos para os professores, precisam ser mais estudados.

2.1.1 As vogais altas anteriores [i, ɪ, ɨ, ɩ] contrastam em ambientes análogos:

(01) [i, ɪ]

- a. [walitsu] ‘mandioca’
- b. [kwalitsu] ‘lambari’

(02) [i, ɨ]

- a. [winisu] ‘pai’
- b. [alũɨsu] ‘jaboticaba’

(03) [ɪ, ɨ]

- a. [ninisu] ‘pernilongo’
- b. [alũɨsu] ‘jaboticaba’

(04) [ɨ, ɩ]

- a. [kadisu] ‘lagartixa’
- b. [adisu] ‘anu’

⁸ O termo “laringal” diz respeito ao traço “creaky voice” (IPA, 1995) e está presente, na língua Wakalitesu, em cinco vogais orais e em quatro vogais nasais.

2.1.2 As vogais médias anteriores [e, ê, ɛ, ě] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(05) [e, ê]

- a. [wetsu] ‘bacaba’
- b. [wětsu] ‘criança’

(06) [e, ɛ]

- a. [hehru] ‘buriti’
- b. [ajohɛhru] ‘língua – parte do corpo’

(07) [ê, ɛ]

- a. [ětsu] ‘buraco’
- b. [ɛtsu] ‘fumo’

(08) [ɛ, ě]

- a. [ěhru] ‘caju’
- b. [děhru] ‘mosca’

2.1.3 As vogais centrais [a, â, ɶ, ǣ] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(09) [a, â]

- a. [alasu] ‘jacu’
- b. [alâsu] ‘arara’

(10) [a, ɶ]

- a. [hahlu] ‘cará (peixe)’
- b. [dɶhlu] ‘nambu’

(11) [â, ɶ]

- a. [sâhlu] ‘ararinha verde’
- b. [ɶhlu] ‘pequi’

(12) [a, ǣ]

- a. [wakalisu] ‘jacaré’
- b. [wakǣlatasu] ‘garça’

2.1.4 As vogais altas posteriores [u, ũ, ʊ, ɯ] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(13) [u, ũ]

- a. [alusu] ‘rato’
- b. [alũsu] ‘anta’

(14) [u, ʊ]

- a. [dusu] ‘mulher’
- b. [dʊhlu] ‘cotia’

(15) [ũ, ʊ]

- a. [alũsu] ‘anta’
- b. [alʊsu] ‘louva-a-deus’

(16) [ũ, ɯ]

- a. [kũtsu] ‘algodão’
- b. [kɯtsu] ‘timbó’

2.1.5 As vogais médias posteriores [o, ɔ] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(17) [o, ɔ]

- a. [hotsu] ‘macaco prego’
- b. [alɔtsu] ‘tucum’

2.1.6 As vogais anteriores altas e médias [i, ĩ, ĩ̃, e, ě, ě̃, ě̄], contrastam em ambientes idênticos e análogos:

2.1.7

(18) [i, e]

- a. [witsu] ‘mutum’
- b. [wetsu] ‘bacaba’

(19) [ĩ, ě̃]

- a. [ĩtsu] ‘mulher’
- b. [ě̃tsu] ‘buraco’

(20) [ĩ̃, ě̄]

- a. [ĩ̃hru] ‘macaco bugio’
- b. [ě̄hru] ‘caju’

2.1.7 As vogais médias e centrais [e, ě̃, ě̄, a, ã, ã] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(21) [e, a]

- a. [kaletsu] ‘sapo (jia)’
- b. [kalatsu] ‘carandá’

(22) [ě̃, ã]

- a. [wě̃su] ‘rolinha’
- b. [wãsa] ‘vir’

(23) [ě̄, ã]

- a. [ě̄hlu] ~ [ě̄hru] ‘caju’
- b. [ãhlu] ‘pequi’

2.1.8 As vogais centrais e médias [a, ą, o, ɔ] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(24) [a, o]

- a. [halatasu] ‘pitomba’
- b. [halotesu] ‘povo Nambikwara’

(25) [ą, ɔ]

- a. [aląsu] ‘jacu’
- b. [alɔsu] ‘tucum’

2.1.9 As vogais posteriores médias e altas [ɔ, u] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(26) [ɔ, u]

- a. [alɔtsu] ‘tucum’
- b. [alu]su ‘louva-a-deus’

2.20 As vogais altas anteriores e posteriores [i, ĩ, u, ũ] contrastam em ambientes idênticos e análogos:

(27) [i, u]

- a. [wǎlisu] ‘serra’
- b. [walusu] ‘urubu’

(28) [ĩ, ũ]

- a. [ĩtsu] ‘arraia’
- b. [ũtsu] ‘capivara’

2.2 Variações Fonéticas

Identificamos que a língua Wakalitesu tem poucas variações fonéticas entre as vogais. Registramos, a princípio, a variação livre entre as vogais anteriores média fechada e média aberta: /e/ → [e] ~ [ɛ] e entre as vogais nasais posteriores alta e média: /ũ/ → [ũ] ~ [õ]:

(29) /e/ → [e] ~ [ɛ]

- a. /hahera/ → [dahera] ~ [hahɛra]⁹ ‘não’
- b. /hitea/ → [hitea] ~ [hitea] ‘quem’

(30) /ũ/ → [ũ] ~ [õ]

- a. /anũgisu/ → [anũgisu] ~ [anõgisu] ‘peito’
- b. /jalaũsu/ → [jalaũsu] ~ [jalaõsu] ‘araruta’

A vogal média aberta [ɛ] também aparece em empréstimos do português:

(31) [ɛ]

- a. [matɛhlu] ‘martelo’
- b. [lãtɛhnakatsu] ‘lanterna’

Apesar de identificarmos em alguns exemplos a ocorrência da vogal média nasal [õ]: [janõtsu] ‘brasa’, [jalaõsu] ‘araruta’, kajalanõsu] ‘areia’, [anõkisu] ‘braço’, ainda temos dúvidas quanto à sua realização fonêmica, pois até o momento da pesquisa as evidências não foram suficientes para considerá-la como um fonema.

⁹ Fala masculina.

A partir dessas observações, postulamos para a língua Wakalitesu 18 fonemas vocálicos: 05 vogais orais (02 anteriores, 01 central e 02 posteriores), 05 vogais laringalizadas (02 anteriores, 01 central e 02 posteriores) e 08 vogais nasais, conforme demonstrados nos Quadros 2, 3 e 4, respectivamente.

Quadro 2 – Fonemas Vocálicos

	anterior				central				posterior			
	modal		laringal		modal		laringal		modal		laringal	
	oral	nasal	laringal	laring nasal	oral	nasal	laringal.	laring nasal	oral	nasal	laringal	laring .nasal
alta	i	ĩ	ĩ	ĩ					u	ũ	u	ũ
média	e	ẽ	ẽ	ẽ					o		o	
baixa					a	ã	a	ã				

Fonte: Próprios autores.

2.3 Alongamento Vocálico

Também registramos para a língua Wakalitesu o alongamento de vogais orais e nasais breves /i, ã, e, a, ã, o/ as quais podem se tornar mais longas: [i:, ã:, e:, a:, ã:, o:], como nos exemplos a seguir:

- (32) a. [i] ~ [i:] [sawiru] ~ [sawi:ru] ‘periquito verdinho’
 b. [ĩ] ~ [ĩ:] [ĩsã] ~ [ĩ:sã] ‘morder’
 c. [e] ~ [e:] [hehru] ~ [he:hru] ‘buriti’
 d. [a] ~ [a:] [sahlu] ~ [sa:hlu] ‘embira’
 e. [ã] ~ [ã:] [wakãru] ~ [wakã:ru] ‘garça’
 f. [o] ~ [o:] [kosu] ~ [ko:su] ‘cágado’

Devido às poucas ocorrências encontradas, o alongamento das vogais parece não ter caráter distintivo. Então, neste momento, consideramos essas vogais longas como alofones das respectivas vogais tônicas breves. Stela Telles (2014) e outros pesquisadores das línguas da família Nambikwara (KROEKER, 2003; EBERHARD, 2009; SOUZA NETTO, 2018) mencionam o alongamento de vogais, mas também não o caracterizam como distintivo. Entendemos como necessária uma análise mais cuidadosa desse processo para subsidiar as discussões que envolvem a definição da ortografia da língua.

2.4 Tom

Autores como Kroeker (2003), Souza Netto (2018), Eberhard (2009) e Telles (2014) mencionam que as línguas Nambikwara dos ramos Norte e Sul têm características tonais e “que

o tom está presente no sistema da língua em nível lexical [...], em raízes verbais e nominais [...] e na morfologia do verbo” (SOUZA NETTO, 2018, p. 169).

Kroeker (2003) menciona três tons fonêmicos para as línguas Nambikwara do ramo sul, marcados em cada sílaba. O autor, em sua *Gramática Descritiva da Língua Nambikwara* (Kroeker, 2003, p.105), marca os tons na “ortografia prática” pelos números de índice superior: [1], [2] e [3], postulando que os números “indicam, respectivamente, tom decrescente, ascendente e grave e que funcionam independentemente da nasalização e da laringalização”.

Telles (2014, p. 63) diz que “embora as línguas Nambikwara sejam consideradas tonais e acentuais, estudar mais detalhes ainda se fazem necessários para estudos mais conclusivos”. Souza Netto (2018, p. 169) acrescenta: “apesar de sua presença marcada, não foi comprovada até o momento a manifestação do contraste tonal em todo o léxico das línguas estudadas”.

Percebemos nos levantamentos realizados que, em algumas palavras, o tom parece ser uma marca distintiva. No entanto, acompanhando as discussões e postulados dos outros estudiosos, há de se concordar que as ocorrências carecem de estudos mais específicos. Ainda assim, a título de registro e ilustração, algumas dessas ocorrências serão demonstradas a seguir. Para marcar o tom, usamos o sistema numérico adotado por Kroeker (2003): [1] para o tom decrescente, [2] para o ascendente e [3] para o grave¹⁰.

(33)

- a. [wi¹su²] ‘tipo de sapo’
- b. [wi³su²] ‘batata doce’

(34)

- a. [du¹su²] ‘mulher’
- b. [du³su¹] ‘urucum’

(35)

- a. [wa²li¹tsu²] ‘borracha’
- b. [wa³li³tsu²] ‘mandioca’

(36)

- a. [si²su³] ‘formiga’
- b. [si³su²] ‘casa’

3. Comparativos das vogais entre a língua Wakalitesu e outras línguas do ramo Nambikwara do Sul

Após realizarmos o levantamento fonético e as primeiras hipóteses fonológicas para as vogais na língua Wakalitesu, consideramos relevante observar as relações de similaridades

¹⁰ Os professores indígenas tiveram muitas dificuldades para marcar a numeração dos tons, para tanto buscaram anotações, e estudos sobre a língua. Eles têm a consciência de que as palavras se diferem, mas ainda têm dúvidas sobre como e onde marcar os tons.

deste inventário com outros inventários de línguas aparentadas, apresentados por Kroeker (2003) e Souza Netto (2018).

Em Kroeker (2003), o autor menciona que viveu durante anos em várias aldeias Nambikwara, falando a língua diariamente, e teve como principais colaboradores para os estudos: Donaldo Kitthaulhu, Jaime Halotesu, Coronel Aristides Sawentesu, Milton Wakalitesu, Yahu Wasusu e Américo Katitaulhu. Quando se observa os nomes dos colaboradores, percebe-se que a *Gramática Descritiva da Língua Nambikwara*, de Menno Kroeker foi elaborada com base nas línguas Nambikwara do Ramo Sul. Souza Netto (2018) menciona em sua Dissertação *Fonologia do Grupo Nambikwara do Campo (Nambikwára do Sul)* que seus estudos foram realizados com os Nambikwara do Sul, mais especificamente com o Grupo do Cerrado, ressaltando que entrevistou indígenas Kithãulhu, Halotesu, Sawentesú e Wakalitesu.

Ao analisar os quadros fonéticos apresentados nos referenciais mencionados¹¹, percebemos uma grande similaridade entre os inventários vocálicos. É o que se pode perceber nos quadros comparativos entre os estudos das vogais¹² das diversas línguas Nambikwara do Sul.

Quadro 3 – Vogal [i]

Vogais	i	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020) ¹³	
oral	[i]	[tina]	aqui	[hikisu] [walisu]	fruto serra	[akisu] [walisu]	semente serra
nasal	[ĩ]	[tĩnala]	está perdido	[ĩsu] [wĩnsu]	carrapato tipo de sapo	[ĩtsu] [wĩnsu]	arraia sapinho
laringal	[i̠]	[ĩnala]	pegar fogo	[ĩsu] [kĩkĩtsu]	tipo de cobra cigarra	[kadĩsu] [kĩkĩtsu]	lagartixa cigarra
nasal + laringal	[ĩ̠]	[ĩatuwa]	vou plantar	[ĩnara] [kanĩnesu]	mordendo piolho	[ĩnawsu] [kanĩnĩsu]	água piolho

Em ambos os inventários foram encontradas ocorrências e também similaridades para as vogais altas anteriores: [i, ĩ, i̠, ĩ̠].

¹¹ Na apresentação dos exemplos dos outros autores, mantivemos as formas como estão nas referências bibliográficas.

¹² Procuramos, na medida do possível, utilizar, nos exemplos, palavras com os mesmos significados nos dois inventários comparados.

¹³ Santana, Áurea Cavalcante, YALIKAWAINDALOSSU NAMBIKWARA, Vanessa Sawana e SAWENTESU NAMBIKUARA, Natanael – Autores deste artigo.

Quadro 4 – Vogal [e]

Vogais	e	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
oral	[e]	[tesu]	aquele	[hinekisu] [e:su]	árvore machado	[tetasa] [esu]	aquele machado
nasal	[ẽ]	[tẽatuwa]	vou trazer	[hukẽ:su] [anẽ:gisu]	cipó cabeça	[hukẽnsu] [anẽkisu]	cipó cabeça
laringal	[ɛ]	[erɥu]	caju	[ɛ:ru] hinɛkisu]	caju raiz	[ɛhru] [ɛtsu]	caju fumo
nasal + laringal	[ẽ]	[tẽrhɥu]	mosca	[sẽ:su] [hanẽ:su]	temporal lenha	[wehẽjausu] [dẽhru]	chuva mosca

Em ambos os inventários foram encontradas ocorrências e também similaridades para as vogais médias anteriores: [e, ɛ, ẽ, ẽ̃].

Quadro 5 – Vogal [a]

Vogais	a	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
oral	[a]	[halosu]	lugar	[alasu] [walusu]	jacu urubu	[alasu] [walusu]	jacu urubu
nasal	[ã]	[wãkodnnala]	que sobrou	[alã:su] [talãunsu]	arara lagarto	[alãsu] [talãwsu]	arara lagarto
laringal	[a]	[aɫhɥu]	pequi	[waɫusu] [aɫusu]	caracol tatu bola	[aɫlu] [waɫisu]	pequi serra
nasal + laringal	[ã]	[ãɥlinala]	diferente	[ãuhlu] [alã:su]	papagaio ipê roxo	[ãwhlu] [hãtsa]	papagaio branco

Em ambos os inventários foram encontradas ocorrências e também similaridades para as vogais centrais: [a, ã, a, ã̃].

Quadro 6 – Vogal [o]

Vogais	o	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
oral	[o]	[hotsu]	macaco	[hotsu] [ohnakosu]	macaco céu	[hotsu] [ohnawã]	macaco céu
nasal	[õ]	—		—		[watõwatõtsa] [janõtsu]	redondo brasa
laringal	[o]	[onnala]	comida queimando	[kokoosu] [tonala]	mal afiado	[alosu]	tucum

Em ambos os inventários foram encontradas ocorrências e similaridades para as vogais médias posteriores: [o, ɔ]. A vogal média posterior nasal [õ] só foi registrada por nós (Autores 2020) que a mantivemos no quadro fonético como alofone da vogal alta posterior nasal /ũ/, com o entendimento de que esta vogal precisa ser melhor observada em estudos futuros. Para a vogal média alta posterior nasal laringalizada: [õ̃] não foram registradas ocorrências em nenhum dos inventários.

Quadro 7 – Vogal [u]

Vogais	u	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
oral	[u]	[hukʔsu]	espingarda /arco	[hukisu] [ɔlusu]	arco tatu bola	[hukisu] [alutsu] [utsu]	arco tatu bola irara
nasal	[ũ]	[yũyũkisu]	minhoca	[ũsu] [alũsu]	capivara anta	[ũsu] [alũsu]	capivara anta
laringal	[ɯ]	[ɯlhanhwa]	sinto-me preguiçoso	[walɯtsu] [ɔɯsu]	cabaça louva deus	[dɯhlu] [kalɯhru]	cotia grilo
nasal + laringal	[ũ̃]	[ʔũ̃nnala]	selvagem	[kũ̃:su] [nũ̃:su]	timbó massa	[kũ̃tsu] [ũ̃su]	timbó cupim

Em ambos os inventários foram encontradas ocorrências e, também, similaridades para as vogais altas posteriores: [u, ɯ, ɯ̃, ũ̃].

Como se pode perceber, as similaridades fonéticas entre as vogais são bastante evidentes nos três inventários: Kroeker (2003), Souza Netto (2018) e Autores (2020). Também foram encontradas similaridades e diferenças entre os inventários para os encontros vocálicos entre a junção das semivogais e nos alongamentos vocálicos, conforme demonstrado a seguir.

Quadro 8 – [aj] [aw]¹⁴

Vogal + semivogal		Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
oral	[aj]	[hajtsu]	roça	[sanajsu]	tatu peba	[sanajsu] [hajtsu]	tatu peba roça
	[aw]	[taɔnatuwa]	vou rachar	—		[tawtsu] [sawkisu]	gavião sabiá
nasal	[ãj]	[watãjtãjnnala]	fino (= papel)	—		[kajãjrkaisu]	mutuca
	[ãw]	[ãɔ?lisanhawa]	tímido	—		[talãwsu]	lagarto
laringal	[aj]	[ajntelawa]	vou pensar	—		—	

¹⁴ Neste quadro, mantivemos o símbolo [ɯ] usados nos exemplos de Kroeker (2003) e Souza Netto (2018), mas entendendo que mantém a mesma característica fonética do glide [w] utilizado por nós.

	[aw]	[aonnala]	supurar	[həosu] [aonala]	lobo é grosso	[sadawsu]	fruta de veado
nasal + laringal	[āj]	[kājnũ?a]	moído	—		—	
	[āw]	[āsanhawa]	fome de carne	[āohlu]	papagaio	[āwhlu]	papagaio

Fonte: Próprios autores.

No Quadro 8, as diferenças ficaram entre o inventário de Souza Netto (2018), no qual não foram registradas ocorrências para os encontros vocálicos: [**aw**, **āj**, **āw**] e no inventário apresentado por nós (Autores, 2020) e de Souza Netto (2018) em que também não foram registradas ocorrências para os encontros vocálicos: [**aj**, **āj**].

Quadro 9 – Glide [w]

Glide w	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
[wi]	[sawilhu]	periquito	[wiwinala]	é vermelho	[winisu] [sawiru]	pai periquito
[wī]	—		[wĩnsu]	sapo	[wĩnsu] [awĩsã]	sapo dormir
[we]	—		—		[wetsu] [nuwesu]	bacaba lagarto
[wē]	—		—		[wēsu] [awētsu]	rolinha filhote
[wẽ]	—		—		—	
[wa]	[waidnnala]	está certo	[walinsu]	mandioca	[walitsu]	mandioca
[kw]	—		[alukwahlj̄kisu]	bacuri	[kwalajsu] [kwidisu]	aranha veado

Fonte: Próprios autores.

No Quadro 9, percebe-se que Kroeker (2003) não apresenta ocorrências para os encontros [wī], [we], [wē] e [kw]. Souza Netto (2018) não apresenta ocorrências para os encontros vocálicos [we], [wē]. Nos três inventários não foram encontradas ocorrências para o encontro [wẽ].

Quadro 10 – Glide [j]¹⁵

Glide j	Kroeker (2003)		Souza Netto (2018)		Autores (2019)	
[je]	—		—		[kwayedisu] [jewalakētsu]	coruja bacia

¹⁵ Neste quadro, mantivemos o símbolo [y] usados nos exemplos de Kroeker (2003), mas entendendo que mantem a mesma característica fonética do glide [j] utilizado por nós e por Souza Netto (2018).

[ja]	[yanala]	onça	—		[janalatasu]	onça
[jã]	[yãmsu]	flor	—		—	
[ja]	—		—		[jakisu]	cururu
[ju]	—		—		[kajusu]	carne
[jũ]	[yũyũkisu]	minhoca	—		[jũsu]	carrapato
[ju]	—		[jy:hlu]	faca	[juhlu]	faca

Fonte: Próprios autores.

No Quadro 10, as diferenças são mais evidentes. Kroeker (2003) e Souza Netto (2018) não apresentam ocorrências para os encontros vocálicos [je, ja, ju]. Kroeker (2003) também não apresenta ocorrências para o encontro [yu] e, Souza Netto (2018) para os encontros [ja, jã, jũ]. Dos encontros elencados, nós (Autores, 2020) só não registramos ocorrências para o encontro [jã].

Quadro 11 – Alongamento [:]

Alongamento	Souza Netto (2018)		Autores (2020)	
[i:]	[si:su] [ki:su]	casa cupinzeiro	[si:su] [sawi:ru]	casa periquito
[ĩ:]	—		[ĩ:sã]	morder
[e:]	[e:su] [sawe:ru]	machado rede	[e:su] [sawe:hlu]	machado rede
[ɛ:]	[ɛ:ru] [ɛ:su]	caju andorinha	—	
[ẽ:]	[sẽ:su]	temporal	—	
[a:]	[kana:disu]	noite	[sa:hlu] [ta:su]	embira ema
[a:]	[ka:lednsu] [ta:su]	sapo ema	—	
[ã:]	—		[wakã:ru]	garça
[o:]	—		[alo:su] [ko:su]	tucum jirau
[u:]	[tu:su]	urucum	—	

Fonte: Próprios autores.

No Quadro 11, as ocorrências para o alongamento vocálico foram registradas apenas por nós, Autores (2020) e por Souza Netto (2018). Kroeker (2003) não apresenta ocorrências para as vogais longas. As divergências foram observadas nos registros de Souza Netto (2018) para as vogais: [ĩ:], [ã:], [o:] e, no levantamento feito por nós Autores (2020), para as vogais [ɛ:], [ẽ:], [a:], [u:].

Considerações finais

As observações sobre as vogais na língua Wakalitesu aqui apresentadas, bem como, as comparações demonstrando similaridades e diferenças entre línguas Nambikwara do ramo Sul, contribuem, efetivamente, para o fortalecimento linguístico da família Nambikwara. Por um lado, as similaridades comprovam o pertencimento a um grupo maior, os Nambikwara, por outro lado, as diferenças, marcam uma especificidade do grupo Wakalitesu, demonstrando que possuem algumas particularidades linguísticas.

Sabemos que muitas das diferenças fonéticas, fonológicas e ou lexicais entre os inventários comparados não caracterizam, necessariamente, diferenças entre as línguas. Tais diferenças podem ser consequência de metodologias, implicações teóricas utilizadas pelos pesquisadores ou mesmo resultados de contatos linguísticos, dada a convivência multilíngue nas comunidades. Assim, acreditamos na propagação e divulgação dos estudos das línguas indígenas e na formação linguística dos indígenas para que possam compreender a estrutura e o funcionamento de suas línguas. Quanto mais estudos existirem, mais possibilidades de comparações e descobertas serão possíveis.

Dada a importância desses estudos e compreendemos, ainda, que não basta ter identificada e documentada a língua, é necessário garantir a inserção dessa língua na vida contemporânea das comunidades e garantir ainda a sobrevivência e reconhecimento desse grupo, pois “uma língua vale o que valem seus falantes” (BRAGGIO, 1999/2000). A relação entre o tamanho do grupo linguístico e a situação de contato é um dado importante nas condições mínimas necessárias à manutenção da língua indígena. Isso mostra que a preservação da identidade indígena, através da língua e cultura, está na dependência de solução de um problema realmente fundamental: a demarcação das áreas indígenas, não só como condição para uma sobrevivência digna, mas também como condição de propiciar os espaços vitais, necessários às práticas da língua e das manifestações culturais. Sem a terra e programas de sustentabilidade econômica, torna-se difícil imaginar o desenvolvimento de políticas de

manutenção das línguas indígenas (VANDRESEN, 1986; PIMENTEL DA SILVA, 2001/2002).

Os estudos aqui apresentados são apenas o começo para o conhecimento da língua Wakalitesu. Sabemos que há um longo caminho de pesquisa a ser percorrido e muito trabalho a ser feito, mas os resultados alcançados até o momento trazem muita alegria e esperança. O que desejamos é que este trabalho ajude na definição de uma ortografia para a língua Wakalitesu, bem como sirva de fomento e de suporte para elaboração de dicionários, livros de cantos, cartilhas e outros materiais e/ou programas que possam atender os anseios e necessidade da comunidade Três Jacus num processo contínuo de atualização, de resgate linguístico e valorização não só da língua, mas do povo Nambikwara.

Referências bibliográficas

BRAGGIO, Silvia Bigonjal. A Instauração da Escrita entre os Xerente: conflitos e resistências. *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v.3/4 nº 1, p. 19-42, 1999/2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP.: Mercado de Letras, 2002. – (Coleção Ideias sobre Linguagem).

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

COSTA, Anna Maria R. F. M. *Senhores da Memória: uma história do Nambiquara do cerrado*. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2002.

EBERHARD, David. *Mamaindê grammar: a northern Nambikwara language and its cultural context*, 2009. Disponível em: <http://www.sil.org/resources/publications/entry/41276>. Acesso em: 20 jun. 2018.

IPA - *The sounds of the IPA*. London: Phonetics & Linguistics U.C.L, 1995 CD-ROM - Produced by the Listening Centre, Department of Phonetics and Linguistics - University College London - Wolfson House 4 Stephenson Way, London. NW 1 2 HE.

KIBRIK, A. E. *The Methodology of field investigations in Linguistics*. Paris: Mouton, 1977.

KINDELL, Glória Elaine. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

KROEKER, Menno. *Gramática Descritiva da Língua Nambikuara*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003.

OLIVEIRA, Alex Feitosa de. *Línguas Conviventes: aspectos sociolinguísticos na aldeia Três Jacus – comunidade Wakalitesu/Nambikwara*. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2018.

PIKE, Kenneth L. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1976.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. A linguagem na construção social do conhecimento no contexto escolar indígena. In: *Revista do Museu Antropológico*. Goiânia, v. 5/6, n.1, p. 141-156, 2001/2002.

PRICE, David. *Pareci, Cabixi, Nambiquara: a Case Study in the Western Classification of Native Peoples*. Paris: Journal de la Société des Américanistes, v. 69, p.129-148, 1983.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUZA NETTO, Luiz Antônio de. *Fonologia do Grupo Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul)*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

TELLES, Stela. Aspectos Tipológicos da Fonologia Nambikwára: uma família isolada ao sul da Amazônia brasileira. In: MAGALHÃES, José S. de (org). *Fonologia (Linguística in Focus)*, v. 10. Uberlândia: EDUFU, 2014, p. 51-72.

VANDRESEN, Paulino. Preservação das Línguas e Culturas Indígenas. *Boletim da ABRALIN*. Curitiba, v. 7, p. 55-61, 1986.

Submetido em 25 de maio de 2020.

Aceito em 03 de junho de 2020.

Publicado em 13 de outubro de 2020.